

O DESAFIO DA HERDEIRA

Os excêntricos · 2



Courtney Milan

O DESAFIO DA HERDEIRA



Capítulo um

Cambridgeshire, Inglaterra, janeiro de 1867

A maior parte dos números que a Srta. Jane Victoria Fairfield já havia encontrado na vida não tinha lhe feito mal algum. Por exemplo, a costureira que ajustava o vestido dela a espetara sete vezes enquanto enfiava quarenta e três alfinetes no tecido, mas a dor não demorara a passar. Sim, era verdade que os doze buracos no espartilho de Jane eram malévolos, mas era um mal necessário. Sem eles, ela jamais teria conseguido reduzir a medida da própria cintura de noventa e três centímetros para setenta e oito; ainda estava acima do estipulado pela moda, mas um pouco menos.

Dois não era um algarismo terrível, mesmo quando descrevia a quantidade de irmãs Johnson que estavam atrás de Jane, observando a costureira ajustar o vestido no corpo dela, também diferente do que ditava a moda da época.

Nem quando tais irmãs tinham soltado não menos do que seis risadinhas nos últimos trinta minutos. Esses números eram meras irritações – moscas que podiam ser espantadas com o abanar de um leque folheado a ouro.

Não, a culpa de todos os problemas de Jane residia em dois números. *Cem mil* era o primeiro deles, e era veneno puro.

Jane respirou o mais fundo que conseguiu e inclinou a cabeça para as Srtas. Geraldine e Genevieve Johnson. Aos olhos da sociedade, as duas nunca faziam nada errado. Naquele momento, trajavam vestidos diurnos

quase idênticos – um de musselina azul-clara, o outro num tom pálido de verde. Seguravam leques iguais, ambos decorados com cenas de ociosidade bucólica pintadas à mão, e exibiam uma beleza convencional como bonecas de porcelana, com seus olhos azul-celeste e cabelos loiríssimos anelados em cachos grandes e lustrosos. A cintura de ambas media menos que cinquenta centímetros. A única forma de distinguir uma da outra era que Geraldine Johnson tinha uma pinta perfeitamente natural e perfeitamente posicionada na bochecha direita, enquanto Genevieve tinha uma pinta igualmente perfeita na bochecha esquerda.

As duas haviam sido gentis com Jane nas primeiras semanas de convivência.

Ela desconfiava que as moças até sabiam ser agradáveis quando não eram levadas ao limite. Jane, porém, pelo visto, tinha talento para forçar até as jovens mais simpáticas a serem cruéis.

A costureira enfiou um último alfinete no vestido.

– Prontinho – falou. – Agora olhe no espelho e me diga se quer que eu altere alguma coisa. Talvez mudar a posição da renda, ou usar menos.

Pobre Sra. Sandeston. Ela disse aquilo do jeito que um homem prestes a ser enforcado falaria sobre o clima – com melancolia, como se a ideia de usar menos renda fosse um luxo, algo que só seria possível graças a um indulto extraordinário e improvável.

Jane foi até o espelho e observou o efeito do vestido novo. Nem precisou fingir sorrir – a expressão se espalhou por seu rosto como manteiga derretida numa broa quentinha. Meu Deus, aquele vestido era horroroso. Total e completamente horroroso. Nunca tanto dinheiro tinha sido gasto em um serviço de tamanho mau gosto. Jane piscou para seu reflexo, extasiada. A moça no espelho, com seus cabelos e olhos escuros, retribuiu o flerte, assanhada e misteriosa.

– O que acham, moças? – perguntou Jane, virando-se. – Será que preciso de mais renda?

Aos pés dela, a Sra. Sandeston soltou um gemido sofredor.

E não foi sem motivo. O vestido já estava sobrecarregado com três tipos diferentes de renda. Tiras grossas e onduladas de renda azul em ponto de gaze tinham sido enroladas na saia, metros e metros do tecido ofensivamente caro. Um pedaço velado de cetim belga decorava o decote, e uma renda chantili preta estampada com flores desarmônicas adornava as mangas com

barras escuras. O tecido era de seda, com uma bela estampa. Só que ninguém a veria por baixo de toda aquela decoração espalhafatosa.

O vestido era uma abominação rendada, e Jane adorou.

Uma amiga de verdade, ela supôs, teria lhe dito para se livrar de todo aquele exagero.

Genevieve assentiu.

– Mais renda. Sim, concordo plenamente que precisa de mais renda. Que tal um quarto tipo?

Meu Deus! Jane nem imaginava onde ia enfiar mais renda.

– Que tal um engenhoso cinto rendado? – sugeriu Geraldine.

A amizade que tinha com as gêmeas Johnson era de um tipo curioso. As duas eram conhecidas pelo bom gosto infalível. Consequentemente, nunca recusavam a chance de levar Jane para o mau caminho. Mas faziam isso de um jeito tão doce que era quase um prazer ser motivo da risada delas.

Já que Jane queria ser levada para o mau caminho, recebia as dicas das gêmeas com alegria.

As duas mentiam para ela e vice-versa. Como ela queria ser alvo do ridículo, dava muito certo para todas as envolvidas.

Às vezes, Jane se perguntava como seria se as três tivessem sido sinceras umas com as outras em algum momento. Quem sabe as Johnsons pudessem ter se tornado suas amigas de verdade, em vez de inimigas belas e educadas.

Geraldine avaliou o vestido de Jane e assentiu com convicção.

– Sim, insisto na ideia de acrescentar um cinto de renda. Vai dar a esse vestido aquele ar de dignidade indefinível que está faltando.

A Sra. Sandeston soltou um som sufocado.

Era só de vez em quando que Jane imaginava ser amiga das duas irmãs. Na maior parte do tempo, só pensava nos motivos pelos quais *não podia* ter amizades verdadeiras. Todos os 100 mil motivos.

Então, simplesmente aceitava as sugestões terríveis das Johnsons.

– O que acham daquela refinada fita de renda maltesa que vimos mais cedo? Aquela dourada com rosetas?

– Com certeza – disse Geraldine, assentindo. – A maltesa.

As irmãs se entreolharam por cima dos leques – uma troca de sorrisos sagazes que dizia, com toda a clareza: “Vamos ver o que podemos convencer a Herdeira de Penas a fazer hoje.”

– Srta. Fairfield. – A Sra. Sandeston juntou as mãos numa imitação

inconsciente de uma oração. – Estou implorando. Não esqueça que se obtém um efeito muito mais refinado usando menos enfeites. Um pedacinho de uma bela renda, sim, é o destaque de um vestido magnífico, que deslumbra por ser simples. Mas quando usamos renda demais...

Ela deixou a voz morrer enquanto girava o dedo de maneira sugestiva.

– Quando se usa renda de *menos* – corrigiu Genevieve com calma –, ninguém sabe quanto a pessoa vale. Ora, Geraldine e eu só valemos dez mil libras cada, então nossos vestidos devem refletir isso.

Geraldine segurava o leque com força.

– Ai de nós – lamentou.

– Já a Srta. Fairfield tem um dote de 100 mil libras. E precisa ter certeza de que as pessoas vão saber disso. Nada expressa melhor a riqueza do que renda.

– E nada expressa melhor a renda do que... mais renda – acrescentou Geraldine.

Elas voltaram a se entreolhar com cumplicidade.

Jane sorriu.

– Obrigada – falou. – Não sei o que eu faria sem vocês duas. São tão bondosas comigo, me ensinam tudo que preciso saber. Não tenho a menor ideia do que está na moda, nem da mensagem que minhas roupas transmitem. Sem vocês para me ajudar, quem sabe as besteiras que eu faria?

A Sra. Sandeston fez um som engasgado no fundo da garganta, mas não disse mais nada.

Cem mil libras. Um dos motivos para Jane estar ali, observando aquelas jovens belas e perfeitas trocarem sorrisos maliciosos que achavam que ela não compreendia. As duas aproximaram a cabeça uma da outra e sussurraram entre si – suas bocas escondidas recatadamente atrás dos leques –, e depois, olhando para Jane, soltaram uma risadinha. Achavam que ela era uma idiota, sem a menor noção de bom gosto, bom senso e discernimento.

Isso não incomodava Jane nem um pouco.

Não a incomodava saber que as duas a chamavam de amiga enquanto buscavam expor sua insensatez para todos que conheciam. Não a incomodava que a incentivassem a sempre ir além – com mais renda, mais joias, mais miçangas – por pura diversão. Não a incomodava ser motivo de chacota para toda a população de Cambridge.

Nada disso podia incomodá-la. Afinal, a própria Jane tinha escolhido esse caminho.

Ela sorriu para as gêmeas como se as risadinhas fossem amostras sinceras de amizade.

– Então vamos com a maltesa.

Cem mil libras. Havia fardos piores do que o peso de 100 mil libras.

– A senhorita precisa usar esse vestido na próxima quarta – disse Geraldine. – Foi convidada para o jantar do marquês de Bradenton, não é? Nós insistimos que a convidassem.

Aqueles leques subiram e desceram, subiram e desceram.

Jane abriu mais um sorriso.

– Mas é claro. Eu não perderia esse jantar por nada no mundo.

– Vai haver um cavalheiro novo por lá. Filho de um duque. Infelizmente, ilegítimo, mas reconhecido mesmo assim. É quase tão bom quanto se fosse um duque de verdade.

Droga. Jane detestava conhecer novos homens, e o filho bastardo de um duque parecia ser o tipo mais perigoso de todos. Teria a si mesmo em alta conta e a carteira em baixo nível. Era justamente o tipo de homem que pensaria nas 100 mil libras de Jane e decidiria que era capaz de ignorar a quantidade de renda transbordando do vestido dela. Aquele tipo de homem ignoraria muitos e muitos defeitos se isso significasse que o dote de Jane entraria na conta bancária dele.

– É mesmo? – disse ela, evasiva.

– O Sr. Oliver Marshall – informou Genevieve. – Eu o vi na rua. Não parece...

A irmã lhe deu um cutucão, e Genevieve pigarreou.

– Quer dizer, parece ser bem elegante. Os óculos dele são muito distintos. E os cabelos são bem... lustrosos e... acobreados.

Jane conseguia imaginar muito bem esse espécime impedido de alcançar o ducado. Seria barrigudo, usaria coletes ridículos e teria um relógio de bolso para o qual olhava o tempo todo. Teria orgulho dos próprios privilégios e rancor do mundo que o condenara por nascer fora do casamento.

– Ele seria perfeito para você, Jane. Perfeito – disse Geraldine. – É claro que, com nossos dotes inferiores, nós seríamos... desinteressantes para ele.

Jane abriu um sorriso forçado.

– Não sei o que eu faria sem vocês duas – falou, com certa sinceridade.

– Se não estivessem aqui para cuidar de mim, talvez eu...

Se as duas não estivessem tentando transformá-la numa boba da corte,

talvez um dia – apesar de seus muitos esforços – Jane conseguisse conquistar a atenção de um homem. E *isso* seria um desastre total.

– É como se fossem minhas irmãs, com todo o carinho que me dão – acrescentou ela.

Talvez as meias-irmãs bem horripilantes de um certo conto de fadas.

– O sentimento é mútuo. – Geraldine sorriu para ela. – É como se a senhorita fosse nossa irmãzinha.

A quantidade de sorrisos naquele cômodo era quase igual à de renda no vestido de Jane. Ela se desculpou em silêncio pela mentira.

Aquelas mulheres não eram *nada* parecidas com a irmã dela. Só o fato de dizer isso era um insulto ao nome da irmandade, e, se existia alguma coisa sagrada para Jane, era isso. Tinha uma irmã – uma irmã pela qual faria qualquer coisa. Por Emily, ela mentiria, trapacearia, compraria um vestido com quatro tipos diferentes de renda...

Cem mil libras não era um fardo tão pesado assim. Mas, se uma jovem queria ficar solteira – se *precisava* ficar com a irmã até que esta atingisse a maioridade e pudesse sair da casa do tutor das duas –, esse número se tornava uma impossibilidade.

Quase tão impossível quanto 480 – a quantidade de dias pelos quais Jane precisava continuar solteira.

Quatrocentos e oitenta dias até que Emily chegasse à maioridade. Em 480 dias, a irmã poderia largar o tutor delas, e Jane – que tinha permissão para ficar naquela casa sob a condição de se casar com o primeiro homem aceitável que lhe fizesse o pedido – poderia parar com toda aquela falsidade. Ela e Emily finalmente estariam livres.

Jane seria capaz de sorrir, vestir toneladas de renda e chamar o próprio Napoleão Bonaparte de irmã se isso garantisse a segurança de Emily.

Em vez disso, a única coisa que precisava fazer pelos próximos 480 dias era procurar um marido – procurar com dedicação, mas não se casar.

Quatrocentos e oitenta dias durante os quais não ousaria se prender ao matrimônio e 100 mil libras para o homem que se tornasse seu marido.

Aqueles dois números descreviam as dimensões da prisão em que ela vivia.

Por isso, Jane sorriu de novo para Geraldine, grata pelos conselhos, grata por ser levada para o mau caminho mais uma vez. Ela sorriu, e até foi um sorriso verdadeiro.



Alguns dias depois

O Sr. Oliver Marshall detestou ter que abrir mão do sobretudo quando entrou na casa do marquês de Bradenton. Conseguia sentir o frio cortante entrando pelas luvas, o vento de inverno fazendo as vidraças estremecerem. A armação de arame dos óculos presa nas orelhas dele parecia feita de gelo. Mas era tarde demais.

Bradenton, o anfitrião, foi até ele.

– Marshall – disse em tom agradável. – Como é bom ver você de novo.

Oliver entregou as luvas e o sobretudo pesado e apertou a mão do marquês.

– É bom vê-lo também, milorde. Faz muito tempo.

As mãos de Bradenton também estavam frias. Ele havia engordado nos últimos anos e os cabelos finos e escuros haviam dado lugar à calvície na testa, mas o sorriso que abriu para Oliver ainda era o mesmo: amigável e frio ao mesmo tempo.

Oliver reprimiu um calafrio. Não importava quanto carvão os criados empilhassem nas lareiras nem o quanto o fogo fosse alegre, aquelas casas antigas e elegantes sempre pareciam ser habitadas por um frio invernal. Os tetos eram altos demais, o chão de mármore parecia gelado mesmo através da sola dos calçados. Para onde quer que Oliver olhasse, via espelhos de vidro, metais e pedras – superfícies frias que se tornavam ainda mais frias devido aos espaços vastos e vazios que as rodeavam.

Ficaria mais quente quando eles saíssem da entrada da casa, Oliver disse a si mesmo. Quando mais pessoas chegassem. Por enquanto, havia apenas Bradenton, Oliver e dois homens mais jovens. Bradenton pediu que eles se aproximassem.

– Hapford, Whitting, este é um velho colega de escola. Marshall, esse é meu sobrinho, John Bloom, o novo conde de Hapford. – O marquês de Bradenton indicou um homem pálido e com aparência diligente ao seu lado. – E o Sr. George Whitting, meu outro sobrinho. – Ele indicou um cavalheiro com um tufo de cabelos claros e costeletas igualmente desgrenhadas. – Cavalheiros, este é Oliver Marshall. Eu o convidei para ajudar a completar sua educação, por assim dizer.

Oliver os cumprimentou com um meneio de cabeça.

– Fui encarregado de cuidar da apresentação de Hapford – explicou Bradenton. – Ele estará com os lordes no mês que vem, e ninguém esperava isso.

Hapford tinha uma faixa preta ao redor do braço, e suas roupas eram escuras. Talvez houvesse um motivo para a casa parecer tão fria e lúgubre.

– Sinto muito por isso – disse Oliver.

O novo conde endireitou as costas e olhou de soslaio para Bradenton antes de responder.

– Obrigado. Farei o melhor que puder.

Aquele olhar, aquela deferência com que se referiam ao outro homem... era por *isso* que Oliver estava ali, não para reatar uma amizade da época da escola que havia amornado com o passar dos anos. Bradenton era o tipo de homem que preparava novos membros do Parlamento. Ele os instruía e depois fazia de tudo para que os lordes continuassem no seu círculo de amizades. Àquela altura, já tinha uma bela coleção.

– Eu gostaria de ter um pouco mais de tempo para preparar você, mas está se saindo bem. – Bradenton apertou o ombro do sobrinho, num gesto de aprovação. – E não é nada mau fazermos isso em Cambridge. É uma miniatura do mundo lá de fora. Você vai ver, o Parlamento não é muito diferente.

– Uma miniatura do mundo?

Oliver duvidava. Ele nunca tinha visto um minerador de carvão em Cambridge.

Mas Bradenton não entendeu o que ele quis dizer.

– Sim, a gentalha está em todos os lugares por aqui.

Ele olhou para Oliver, que não disse nada. Para homens como Bradenton, *ele* fazia parte da gentalha.

– Mas a gentalha normalmente consegue se virar sozinha – continuou Bradenton. – Esse é o objetivo de uma instituição como Cambridge. *Qualquer um* pode sonhar em estudar em Cambridge, então, todos que querem isso decidem começar por aqui. Se fazem um bom trabalho, no momento em que os mais ambiciosos terminam a graduação, eles já se tornaram iguais a nós. Ou, pelo menos, querem tanto fazer parte dos nossos escalões que, quando nos damos conta, toda a ambição deles foi incorporada à glória maior.

Ele assentiu na direção de Oliver com ênfase.

No passado, Oliver teria ficado irritado com um discurso como aquele.

A insinuação furtiva de que ele não pertencia àquele lugar, a insinuação ainda mais furtiva de que ele havia *incorporado* os objetivos de Bradenton em vez de simplesmente pensar por conta própria...

Quando tinha 13 anos, Oliver tinha dado uma surra em Bradenton por cometer justamente aquele pecado. Mas, depois, passara a entender. Bradenton o lembrava um fazendeiro velho, que percorria o perímetro de sua propriedade todo santo dia para testar as cercas e olhar com desconfiança para os vizinhos, garantindo que o lado *dele* e o lado dos *outros* estivessem delineados com clareza. Oliver levava anos para aprender que o melhor era ficar quieto e deixar homens como Bradenton testarem as cercas. Não adiantava bater de frente – e, se a pessoa fosse cuidadosa, chegaria o dia em que teria condições de comprar toda aquela fazenda.

Então, Oliver mordeu a língua e sorriu.

– As moças devem chegar em breve – disse Bradenton. – Então, se vocês quiserem começar com um uísque...

Ele indicou o corredor da entrada.

– Uísque – concordou Whitting, decidido, e o grupo foi para um cômodo ao lado.

Bradenton tinha reservado uma sala inteira só para isto – um aparador com copos e uma garrafa de líquido cor de âmbar. Mas pelo menos esse cômodo era menor e, portanto, mais quente. O marquês serviu doses generosas nos copos.

– Vocês vão precisar – falou, entregando os copos primeiro aos sobrinhos, depois a Oliver.

Oliver aceitou a bebida.

– Muito obrigado, Sr. Bradenton. E, falando sobre fevereiro que vem, tem algo que preciso discutir com o senhor. A lei da reforma eleitoral, da próxima sessão do Parlamento...

Bradenton soltou uma risada e virou o copo.

– Não, não – interrompeu. – Nada de falar de política por enquanto, Marshall.

– Pois bem. Talvez possamos conversar depois, então. Amanhã ou...

– Ou no outro dia ou no outro – completou Bradenton com um brilho nos olhos. – Primeiro precisamos ensinar Hapford *como* fazer as coisas para depois ensinar a ele quais coisas fazer. Agora não é a hora.

Essa atitude, pelo jeito, não era compartilhada por todos. Hapford tinha

erguido os olhos com interesse quando Oliver começara a falar. Com a recusa do tio, ele franziu a testa e virou a cabeça.

Oliver poderia ter insistido. Mas então...

– Como quiser – concordou com leveza. – Fica para depois.

Um homem como Bradenton precisava receber deferência; precisava que o vizinho parasse a um metro e meio do cercado em vez de ousar atravessar os limites da propriedade. Oliver já tinha influenciado o homem antes e sabia como fazer isso. Bradenton podia ser manipulado, contanto que ninguém acabasse com a ilusão de que ele estava no comando.

Então, em vez de insistir, Oliver deixou que a conversa se dirigisse para um assunto amigável: a saúde do irmão de Oliver e sua esposa. Por algum tempo, puderam fingir que aquele era um ambiente acolhedor e íntimo. Mas então Bradenton, que estava de pé ao lado da janela, ergueu a mão outra vez.

– Terminem as bebidas – disse ele. – A primeira moça chegou.

Whitting olhou pela janela e soltou um gemido.

– Ah, meu Deus, por favor, não. Não me diga que o senhor convidou a Herdeira de Penas.

– Culpe o seu primo. – Bradenton arqueou uma sobrancelha. – Hapford quer uns minutinhos a sós com a noiva dele. E, sabe-se lá o motivo, a Srta. Johnson insistiu para que a moça fosse convidada.

– Falando nisso – disse Hapford, com uma dignidade discreta que não combinava com o semblante juvenil dele –, eu gostaria que não falássemos mal das amigas da minha noiva.

Whitting bufou. Considerando a expressão sombria no rosto dele, Oliver teria imaginado que o jovem acabara de ser condenado a três anos de trabalhos forçados.

– Estraga-prazeres – murmurou, depois se virou para Oliver. – Acho que seria bom avisar a você – acrescentou.

– Avisar sobre o quê?

O homem se inclinou para a frente e sussurrou dramaticamente:

– A Herdeira de Penas.

– A riqueza dela vem de... plumas de gansos?

– Não. – Whitting não olhou para ele. – Originalmente, vem de navios transatlânticos, se quer saber. Ela é chamada de Herdeira de Penas porque ficar perto dela é como ser espancado até a morte com penas.

Ele parecia estar falando completamente sério. Oliver balançou a cabeça, exasperado.

– Não dá para espancar alguém até a morte com uma pena.

– Você é especialista, é? – Whitting ergueu o queixo. – Isso mostra quanto você sabe. Imagine que alguém começa a espancá-lo com uma pena. Imagine que a pessoa nunca para, até que, um dia, a irritação constante das penas de ganso leva você ao limite. Na fúria do momento, acaba esganando a pessoa que o estava espancando. – Ele fez uma demonstração, torcendo as mãos. – Então, você é enforcado por assassinato. Assim, meu amigo, você foi espancado até a morte por penas.

Oliver bufou.

– Ninguém é tão ruim assim.

Whitting levou a mão à cabeça e esfregou os sulcos na testa.

– Ela é pior.

– Hã, hã – fez Bradenton, levantando um dedo. – Ela está quase entrando. Não é assim que se faz, *cavalheiros*.

Ele enfatizou a última palavra e pousou o copo de uísque. Um gesto e os sobrinhos o seguiram de volta para a entrada. Oliver foi atrás deles.

Sim, Oliver sabia como se fazia. Ele fora alvo daquele tipo de insulto velado vezes demais. Os bons modos da classe alta demonstravam crueldade não pelas palavras que eram ditas, mas pela duração do silêncio que as seguia.

Um criado abriu a porta e duas mulheres entraram. Uma, trajando camadas de lã escura salpicada pela neve, claramente era uma dama de companhia. Ela tirou o capuz pesado da cabeça, revelando cabelos grisalhos cacheados e uma boca franzida.

A outra...

Se havia uma mulher que queria anunciar para todos que era uma herdeira, era aquela. Ela não havia poupado esforços para ostentar a riqueza. Vestia uma capa forrada com pele, branca e fofa, e luvas de pelica com arminho nos punhos. Balançou a cabeça, depois abriu o fecho no pescoço – um fecho que cintilava com um brilho dourado. Quando ela se mexeu, Oliver viu algo reluzir nas suas orelhas, algo com o resplendor de diamantes e prata.

Os homens se aproximaram para cumprimentá-la ao mesmo tempo.

– Srta. Fairfield – disse o marquês de Bradenton, inclinando a cabeça para a moça.

O tom de voz dele estava agradável, com uma cordialidade familiar.

– Milorde – respondeu ela.

Oliver se aproximou com o restante do grupo, mas ficou paralisado quando ela tirou a capa. Ela era...

Ele a encarou e balançou a cabeça. Ela *podia* ser bonita. Os olhos eram escuros e brilhantes. Os cabelos estavam presos num emaranhado lustroso de cachos que caíam artisticamente nos ombros. Os lábios eram rosados e carnudos, inclinados num sorrisinho recatado, e o corpo dela – o pouco que ele conseguia ver – era exatamente do tipo que ele gostava, macio e volumoso, com curvas que nem o mais determinado espartilho conseguia esconder. Sob quaisquer outras circunstâncias, Oliver se pegaria observando a moça de soslaio a noite toda.

Mas olhar para ela era como pegar um pêssego exuberante e descobrir que metade estava mofada.

O vestido era medonho. Não havia outra palavra para descrevê-lo, e até essa palavra fazia pouco jus ao arrepio de puro terror que Oliver sentiu.

Um pouquinho de renda estava na moda. Decorando a ponta das mangas, talvez, ou alguns centímetros na barra. Mas todo o vestido da Srta. Fairfield era coberto de renda – camadas e mais camadas dos estilos feitos à mão mais complexos que existiam. Renda preta. Renda azul. Barra de renda dourada. Era como se alguém tivesse entrado numa loja, encomendado trezentos metros das rendas mais caras do mundo e enfiado cada centímetro num único vestido.

Não era uma questão de enfeitar demais algo que já estava bom. Se havia algo de bom ali embaixo, tinha se estragado havia tempo.

Todos pararam de andar quando a moça tirou a capa, paralisados enquanto contemplavam, sem palavras, um figurino que fazia a palavra “espalhafatoso” soar como algo bonito e modesto em comparação.

Quem se recuperou primeiro foi Bradenton.

– Srta. Fairfield – repetiu.

– Sim, o senhor já me cumprimentou.

A voz dela era bem bonita. Talvez se Oliver fechasse os olhos... ou talvez se apenas a olhasse do pescoço para cima...

A moça seguiu em frente, avançando tanto que Bradenton até teve que dar dois passos para trás. Isso levou os brincos dela – que eram de prata, cravejados de enormes diamantes – até bem perto dos olhos de Oliver.

Somente um daqueles brincos bastaria para comprar três fazendas como a dos pais dele.

– Muito obrigada pelo convite – disse ela.

Enquanto falava, ela dobrou a capa.

Um dos criados com uniforme cinza deveria ter se oferecido para pegar o traje das mãos da moça. Mas eles, como todos os outros, estavam atordoados pelas roupas hediondas dela.

A Srta. Fairfield não parecia ter notado a reação dos outros. Sem nem olhar para o lado – sem nem notar a presença de Oliver –, entregou a capa para ele. Os dedos dele seguraram a peça antes que ele percebesse o que a moça tinha feito. Ela lhe deu as costas e cumprimentou Hapford e Whitting, com um tom de voz agradável, enquanto os cachinhos na nuca dela provocavam Oliver.

Ela havia lhe entregado a capa. Como se ele fosse um criado. Um laçao veio e pegou o fardo indesejado com um pedido de desculpa, mas já era tarde demais. Oliver viu o sorriso horrorizado no rosto de Whitting, expressão que o rapaz parecia incapaz de conter. Bradenton também lançou um sorriso divertido para Oliver.

Já fazia tempo que ele não se irritava com ofensas pequenas, e aquela nem tinha sido proposital. Mas, meu Deus, a moça era um desastre. Quase sentia pena dela.

Bradenton apontou para Oliver.

– Srta. Fairfield – falou –, há outro convidado aqui que ainda não lhe apresentamos.

– É mesmo? – A Srta. Fairfield se virou e finalmente pousou os olhos em Oliver. – Minha nossa! Nem o vi quando entrei.

Ela o tinha visto, sim. Só que pensara que fosse um criado. Um erro inocente, nada mais.

– Srta. Fairfield – disse Oliver, sem se deixar abater. – Muito prazer.

– Srta. Fairfield, este é o Sr. Oliver Marshall – informou Bradenton.

A moça inclinou a cabeça para o lado e olhou para Oliver. Ela *era* bonita. Uma parte bem irritante do cérebro dele não conseguia parar de prestar atenção nisso, mesmo com toda a extravagância com que ela havia se vestido. Bonita para quem gostava daquele tipo de mulher, com uma beleza inglesa saudável e radiante. Normalmente, Oliver gostava.

Ele se perguntou quando a moça ia perceber o que tinha feito. Ela

semicerrou os olhos, olhando-o bem, e ao franzir o rosto uma covinha apareceu no queixo dela.

– Mas já nos conhecemos – disse ela.

Não era isso que Oliver esperara que ela percebesse. Ele piscou, confuso.

– Tenho certeza de que já nos conhecemos – continuou ela. – O senhor tem um semblante familiar. Tem alguma coisa... Algo... – Ela bateu com um dedo nos lábios, balançando a cabeça. – Não – concluiu com tristeza. – Não. Me enganei. É que o senhor tem uma fisionomia tão mediana, com esses cabelos e os óculos, que o confundi com outra pessoa.

Ele tinha uma fisionomia *mediana*?

Outra mulher que proferisse uma ofensa daquela magnitude teria enfatizado a palavra, apenas para garantir que ninguém se equivocasse quanto à sua intenção. Mas a Srta. Fairfield não agiu como se pretendesse humilhá-lo. Ela falou como se estivesse comentando o número de filhotes numa ninhada.

– Perdão? – disse Oliver.

Ele percebeu que estava com as costas levemente mais empertigadas, olhando para ela com certa frieza na expressão.

– Ah, não precisa pedir perdão – respondeu ela com um sorriso. – A sua fisionomia não é culpa sua, sei disso. Eu nunca usaria isso contra o senhor.

Ela assentiu para Oliver, graciosa como uma rainha, como se estivesse fazendo um grande favor para ele. Então, franziu a testa.

– Perdão, mas pode repetir seu nome?

Oliver fez a reverência mais rígida que conseguia.

– Sr. Oliver Marshall. A seu dispor.

Não literalmente, ele quase acrescentou.

Ela arregalou os olhos.

– Oliver? Será que, por acaso, seu nome é uma homenagem a Oliver Cromwell?

O sorriso nos lábios de Oliver *sem dúvida* não era genuíno. Sua capacidade de fingir quase cedeu sob a pressão.

– Não, Srta. Fairfield, meu nome não é em homenagem a ele.

– Não é uma homenagem ao antigo Lorde Protetor da Inglaterra? Ora, a meu ver ele seria um bom exemplo do caminho que seus pais teriam gostado que o senhor seguisse. Ele nasceu plebeu como o senhor, não foi?

– Meu nome não implica nada tão grandioso – respondeu Oliver, forçando as palavras a saírem. – Era o nome do pai da minha mãe.

– Talvez o nome *dele* tenha sido...

– Não – interrompeu Oliver. – Ninguém na minha família estava esperando que eu sofresse execução póstuma, acredite em mim.

Ele quase achou que a moça sorriu ao ouvir aquelas palavras, mas a inclinação no canto dos lábios sumiu antes que Oliver tivesse certeza de que a vira. Com isso, a conversa morreu.

Um, dois, três...

Quando criança, Oliver tinha transitado entre dois mundos – os patamares da classe alta, tão friamente bem-educada, e o mundo mais animado dos trabalhadores, no qual seus pais viviam. Havia um silêncio gélido que Oliver associava a momentos desconfortáveis da classe alta. Era aquele momento em que cada homem por perto fazia um cálculo com base nos bons modos e decidia guardar suas ideias para si mesmo em vez de falar em voz alta e arriscar ser rude. Oliver fora alvo de tais silêncios com bastante frequência quando era garoto. Sempre vinham quando ele admitia que passara o verão fazendo trabalho braçal, quando se referia à antiga profissão do pai como pugilista... Na verdade, durante os primeiros anos de convivência, até aprender as regras, praticamente toda vez que Oliver abria a boca, a resposta que recebia era o silêncio.

Por mais que aquele silêncio supostamente fosse fruto de bons modos, era cortante. Oliver fora alvo dele vezes suficientes para saber a profundidade daqueles cortes. Ele olhou para a Srta. Fairfield.

... quatro, cinco, seis...

Os lábios dela estavam com uma expressão calma de aceitação serena. O sorriso era aberto e sincero. Não havia sinal de que ela sequer houvesse notado a tensão.

– Quem mais vai se juntar a nós hoje à noite? – perguntou ela. – Cadford? Willton?

– Não, hum... – Hapford olhou ao redor. – Willton, não. Ele está... indisposto.

– Isso por acaso é algum... Como é que chamamos aquela coisa que falamos para evitar dizer a verdade? – A Srta. Fairfield balançou a cabeça, sacudindo seus brincos de diamante. – Está na ponta da língua. Consigo até sentir o gosto. É um... um... – Ela ergueu o queixo de repente, com olhos radiantes. – Eufemismo! – Estalou os dedos. – É um eufemismo, não é? Diga, ele só está zozno por causa de ontem à noite, não é?

Os homens se entreolharam.

– Certo – disse Hapford devagar. – Srta. Fairfield, se me permite acompanhá-la...

Ele a levou pelo braço para longe.

– Pobrezinho – comentou Whitting. – Ele costumava caçar dela, mas a Srta. Johnson o fez parar. Agora não tem mais graça ficar perto dele, está apaixonado demais.

Geralmente, Oliver não gostava que caçassem das pessoas pelas costas. Era um ato covarde e cruel, e ele sabia por experiência própria que nunca era tão sutil quanto as pessoas responsáveis pela zombaria achavam.

Pobre Srta. Fairfield. Tinha o oposto do talento para conversar e o oposto de bom gosto. Eles iam acabar com ela, e Oliver teria que assistir.

CONHEÇA OS LIVROS DE COURTNEY MILAN

OS EXCÊNTRICOS

O caso da governanta (apenas e-book)

O segredo da duquesa

O desafio da herdeira

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

